

**UNIVERSIDADE DE SÓFIA
SVETI KLIMENT OHRIDSKI
Faculdade de Filologias Clássicas e Modernas
Departamento de Estudos Ibero-Americanos
Filologia Portuguesa
Licenciatura em Filologia Portuguesa**

Programa

**Lugares de “Nenhures”: Utopismo, Imaginação e Mitologia no Pensamento
Contemporâneo Português**
**(Disciplina Curricular de “Introdução à Filosofia” integrada no Currículo da
Licenciatura em Filologia Portuguesa)_**

**Docente:
Francisco Nazareth
(franaza@gmail.com)
(tel: 0884 860 246)**

**Ano Lectivo: 2013/2014
1º Semestre**

Preâmbulo e Caracterização

Tendo em conta o lugar da cadeira de “Introdução à Filosofia” no currículo dos alunos de Filologia Portuguesa na Universidade de Sófia (uma cadeira que faz parte do currículo central, mas cuja frequência é dispensável uma vez que os alunos podem obter os créditos necessários à passagem de ano através de outras disciplinas e, além disso, uma cadeira que não dispõe há anos de um professor preparado para a leccionar, tanto quanto o Leitor foi informado em termos de mote justificativo para o convidarem à leccionação da mesma), a elaboração do presente programa presidiu a um critério de integração que, do generalismo absoluto, passasse para a ligação específica com a Licenciatura em causa (por isso o ponto de referência é o “Pensamento Português”) e com o projecto de trabalho do Leitor (a contemporaneidade cultural portuguesa nas suas intersecções internacionais, globais e abertas). Ao mesmo tempo, houve o cuidado – embora dispondo sempre dos cruzamentos necessários – de não sobrepor as temáticas às cadeiras de opção já leccionadas pelo Leitor (nomeadamente a de “Cultura Portuguesa Contemporânea”), apresentando – dado ser uma cadeira curricular – uma perspectiva talvez mais canónica (isto é, mais “clássica”, mais “linear”, embora sem cair em positivismos de cariz esclerótico em relação à liberdade reflexiva), mas não abandonando, contudo, o carácter de problematização crítica, cosmopolita e fluida que uma cadeira de “introdução ao pensamento crítico” tem que propor, necessariamente.

Neste sentido, o tema organizador da disciplina – a ideia de que existe uma linha muito nítida no pensamento português que abre para o lugar da imaginação, para o forjar do sonho prospectivo e utópico e para a mistificação do tempo (já Pascoaes dizia que o português “não vê, ilumina”) e que, inclusivamente, permite a leitura, não só de pensadores que defendem essa necessidade de mitos, mas também dos que idealizam a razão científica como solução e, até, de alguns pensadores contemporâneos – permite cruzamentos, por exemplo, com a História da Literatura Portuguesa (e não só a contemporânea, como é óbvio) e com os pensadores da ideia de cultura portuguesa como entidade cuja existência sempre foi problematizada em termos de reflexão filosófica e, ainda, com o modo como o “português” (uma essência que ninguém sabe muito bem o que é) pensou o seu “império”, não só enquanto império existente mas, também, como império imaginário e/ou como império em ruína.

Esse pensamento teve sempre – nos interstícios da sua formulação – espaços que apontaram para dimensões inerentes ao “pensamento ocidental”, quer a nível de “arquétipos” platónicos, quer do “maniqueísmo” agostiniano, quer dos “ideais” sociais e epistémicos da modernidade, quer ainda das referências ideológicas e artificialistas criadas pelo século XIX, quer ainda desse “lugar de nenhures”¹ de que nos fala Paul Ricoeur, já em pleno “século da suspeita”.

Estas dimensões deixam, como é óbvio, por resolver o problema habitual do debate entre “Filosofia Portuguesa” e “Filosofia em Portugal”. Que fique claro, no entanto, que o autor deste programa se inclina teoricamente para a segunda opção: se é certo que existem nuances de contexto que dão à filosofia escrita em português (e em Portugal) formas de expressão próprias (relativas à contextualização geográfica e temporal da estabilidade fronteiriça que permanece desde a chamada “Idade Média”, relativas ao modo como se lidou com o “Império Colonial”, relativas às experiências de regime autoritário e

¹ Ricoeur, Paul, *Ideologia e Utopia* (Lisboa: Edições 70, 1991), p. 88.

relativas à “mestiçagem” de culturas que aconteceu no espaço físico referido), não é menos verdade que esse pensamento se insere numa tradição de matriz aristotélica e platónica, agostiniana, mais tarde cartesiana e, ainda mais tarde, hegeliana e nietzscheana, com a qual dialoga, da qual por vezes se afasta com desdém e em outras se aproxima com sofreguidão mas com a qual em momento algum deixa de interagir. A essa tradição deu-se o nome de “pensamento ocidental” e é nela que a filosofia (ou o pensamento, nome mais humilde e que melhor convém à contemporaneidade tardia) elaborada em Portugal se insere, assumindo (com todas as críticas e com todos os louvores possíveis) o seu lugar na instância reflexiva europeia da “actualidade”.

Público Alvo

Os alunos que frequentam as cadeiras opcionais fornecidas pelo Leitor, no quadro de um leque vasto chamado “Semiótica da Cultura Portuguesa”, são alunos frequentadores dos 2º, 3º e 4º anos da “Licenciatura em Filologia Portuguesa” variando os seus níveis entre o B1 e o C1 (com alguns casos extremos no A2 ou no C2). Dada esta diversidade – e também a própria diversidade sócio-cultural dos alunos (nem todos são de Sónia, nem todos vêm de espaços, digamos assim, “letrados”, idiossincrasias de um país balcânico, pós-comunista e onde a classe média é praticamente inexistente) – a consequente adaptação dos programas ao universo das turmas varia conforme as características de cada grupo.

Objectivos

- Abrir um espaço de singularização do pensamento com base no registo escrito da reflexão portuguesa contemporânea.
- Estabelecer pontos de contacto entre o pensamento português contemporâneo e os seus correlativos internacionais.
- Promover linhas de força críticas, em termos de abordagem textual, que possam suscitar um debate fundamentado e reflectido.
- Inserir os modos recorrentes do pensamento português actual nas suas linhas de força históricas.
- Problematizar a tradição em função das recorrências textuais da actualidade.
- Construir, no universo cultural dos alunos, um suplemento prismático que complete as referências transversais adquiridas em outros contextos.
- Reforçar, mediante o uso dos planos ontológico, ético, estético, epistemológico, político e antropológico o carácter de actualidade e pertinência da Cultura Portuguesa em termos internacionais.
- Desdobrar a novidade dos conteúdos em plataformas de acesso transdisciplinar que possam servir de grelhas aglutinadoras em termos de referência futura.
- Criar hábitos de expressão reflexiva crítica, mediante o uso escrito e oral da Língua-Alvo.
- Consolidar hábitos de trabalho trazidos de outras disciplinas tutoriais.

Metodologia

Mediante a utilização do texto filosófico como pretexto de aprendizagem cultural, as aulas de Pensamento Português Contemporâneo, uma vez que correspondem à cadeira curricular de Introdução à Filosofia, apresentarão um regime misto de modo a conciliar a tradição da Universidade com o projecto do Leitor. Desta forma, haverá lugar a uma apresentação teórica de cariz directivo na qual o professor faz uma exposição, ou apresentação, das temáticas fundamentais da aula, das linhas de força fundamentais dos textos e da inserção histórica e cultural dos autores e das obras, seguindo uma noção linear de trabalho, conforme ao contexto universitário em causa. Posteriormente, este trabalho desdobrar-se-á (em processo de desconstrução problemática e convocatória) numa avaliação crítica e tutorial dos modos de pensar inerentes à práticas de leitura dos alunos. Assim, do professor que fornece conteúdos passe-se ao professor animador, no sentido em que os alunos serão levados a pôr em causa a apresentação inicial, questionando-a em função das leituras feitas e desmontando por aí o critério de autoridade subjacente à direccionalidade linear. Desta forma, a segunda parte de cada aula pretende ser um espaço de verdadeiro exercício do pensar, no qual as referências e linhas de força do excerto (e nunca do texto completo) filosófico pretendem entrar em diálogo com aquelas que já provêm de outras dimensões de estudo pelas quais os alunos passam ou passaram, nomeadamente as de Literatura Portuguesa e Cultura Portuguesa Contemporânea. Os alunos devem terminar esta fase da aula com um pequeno exercício crítico por escrito que servirá enquanto roteiro de “confrontação” cultural com as figuras apresentadas e com as nuances fundamentais que dão forma ao seu pensamento.

Avaliação

- **Avaliação formativa contínua (50%):**
- **assiduidade:** regularidade e interesse na presença em aula;
- **participação activa** – também por iniciativa própria - nas dinâmicas de grupo inerentes ao trabalho de aula: sentido democrático da diversidade e respeito pela cidadania interactiva do grupo-turma;
- **pesquisas sobre conteúdos do programa** a serem apontados pelo professor como estando disponíveis na biblioteca da Universidade e na rede electrónica;
- **recensões críticas sobre esses materiais** a serem apresentadas em aula sob a forma de questões de trabalho colocadas no início de cada sessão;
- **construção autónoma de um quadro aproximativo às significações dominantes do pensamento português contemporâneo**, mediante a busca de linhas de força comuns aos vários contextos de construção reflexiva.
- **Avaliação sumativa (50%):**
- **EXAME FINAL DE CONSULTA²** – Mediante a apresentação de um dos

² A detecção de plágio nos exames de consulta dará direito a reprovação sem possibilidade de recurso. Os trabalhos escritos pretendem incentivar a criatividade dos alunos, a reflexão autónoma e a expressão pessoal na “língua-alvo”. Além de uma falta de respeito para com o trabalho do professor, o plágio é – sobretudo – um desrespeito para com os colegas que desenvolvem um trabalho sério, criativo, pensado e autónomo. Sendo uma reprodução acéfala de conteúdos, o plágio é também uma prova de má formação intelectual e ética e nada acrescenta interiormente a quem o faz. Se o professor quiser ler o que está escrito em outros textos (sobretudo os que

desdobramentos temáticos debatido nas aulas em função das recolhas críticas dos alunos e dos materiais bibliográficos existentes, os alunos realizarão - IN LOCO – uma reflexão pessoal e autónoma, bem como fundamentada e rigorosa, que será entregue ao professor e na qual poderão consultar materiais que tenham recolhido e que existam na Biblioteca (25%);

- DEFESA ORAL – Com base naquilo que escreverem (afirmações que serão suas e pelas quais serão responsáveis), os alunos serão interpelados pelo professor de modo a poderem responder cabalmente perante o que registaram, assumindo a sua autonomia de raciocínio e justificando as suas perspectivas, bem como esclarecendo o professor sobre as mesmas que são, obviamente, possíveis desde que fundamentadas (25%).

Horário

Duas (2) horas por semana

Conteúdos

1 – O que é o “lugar de nenhures”? A veia utopista do pensamento europeu.

- a) – Arquétipos, essências, substâncias e coisas: utopismo em Platão e Aristóteles
- b) – O mito de um “triunfo do bem”: o dualismo maniqueísta da “cidade de Deus” proposta por Santo Agostinho
- c) – Imaginar um sujeito claro, distinto, universal e abstracto: utopismo epistemológico e mitologização da razão em Descartes e Kant
- d) – Do triunfo do espírito ao anti-mito da suspeita: do idealismo teleológico em Hegel, à “distopia” em Nietzsche e Freud

2 – O “lugar de nenhures” na tradição do pensamento português.

- a) – António Vieira e o mito do “5º Império”
- b) – Sonho, mito e essência em Sampaio Bruno
- c) – Espírito, razão e finalismo teleológico em Antero de Quental
- d) – O arquétipo mitológico da criação em Leonardo Coimbra
- e) – O ideal de um triunfo da razão positiva em António Sérgio
- f) – Saudade e mito em Teixeira de Pascoaes
- g) – O “português” imaginário de Agostinho da Silva

3 – Caos, distopia e reinvenção do futuro: mito, anti-mito, utopia, distopia, imaginário e disseminação fluida no pensamento português contemporâneo.

- a) – Espiritualismo “new-age” e o sonho de uma “Ásia prometida”: o pensamento mítico em Paulo Borges
- b) – A ecologia prospectiva como utopia de cidadania: o pensamento político e ambientalista de Viriato Soromenho-Marques
- c) – Da “literatura menor” à suspeita do futuro: o diálogo de José Gil com

circulam na rede electrónica), pode fazê-lo por si mesmo.

Fernando Pessoa

- d) – Império, “esplendor” e “caos”: Eduardo Lourenço, um pensador do imaginário europeu
- e) – O que é – foi – seria – Portugal? Mito e história em Miguel Real
- f) – Projectar no Imaginário a evidência: a epistemologia em Fernando Gil
- g) – Política, tecnologia e modernidade: distopia, utopia e suspeita em José Bragança de Miranda

4 – Para não concluir: o que é fazer pensamento em Portugal? Condicionantes, estratégias e o peso das Universidades.

Bibliografia (por ordem de relevância temática)

- Vários, Logos, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia (Lisboa: Verbo, V/D).
Calafate, Pedro, História do Pensamento Filosófico Português (Lisboa: Caminho, V/D).
Mattelart, Armand, História da Utopia Planetária (Lisboa: Bizâncio, 2000).
Ricoeur, Paul, Ideologia e Utopia (Lisboa: Edições 70, 1991).
Carmelo, Luís, Anjos e Meteoros (Lisboa: Editorial Notícias, 1999).
Chatelêt, François, Uma História da Razão (Lisboa: Editorial Presença, 1993).
Vieira, António, História do Futuro (Lisboa: INCM, 1982).
Bruno, Sampaio, A Ideia de Deus (Porto: Lello Editores, 1987).
Quental, Antero de, Causas da Decadência dos Povos Peninsulares (Lisboa: Guimarães Editores, 2001).
Coimbra, Leonardo, Obras de Leonardo Coimbra: Vol. 1 (Porto: Lello Editores, 1983).
Sérgio, António, Cartas de Problemática (Lisboa: INCM, 2001).
Pascoaes, Teixeira de, A Saudade e o Saudosismo (Lisboa: Assírio & Alvim, 1988).
Silva, Agostinho da, Textos e Ensaios Filosóficos (Vol. I) (Lisboa: Âncora, 1999).
Borges, Paulo, Do Finistérreo Pensar (Lisboa: INCM, 2001).
Marques, Viriato-Soromenho, O Futuro Frágil (Lisboa: Europa-América, 1998).
Gil, José, Diferença e Negação na Poesia de Fernando Pessoa (Lisboa: Relógio d'Água, 1999).
Lourenço, Eduardo, O Esplendor do Caos (Lisboa: Gradiva, 1998).
Real, Miguel, A Morte de Portugal (Porto: Campo das Letras, 2007).
Gil, Fernando, Tratado da Evidência (Lisboa: INCM, 1996).
Miranda, José Bragança de, Política e Modernidade (Lisboa: Colibri, 1996).
Molder, Maria Filomena, A Imperfeição da Filosofia (Lisboa: Relógio d'Água, 2003).
Murcho, Desidério, Pensar Outra Vez: Filosofia, Valor e Verdade (Vila Nova de Famalicão: Quasi, 2006).
Derrida, Jacques, Le Droit à la Philosophie (Paris: Galilée, 1990).

Sófia, Setembro de 2013.

-

